

**O CRONISTA E A LÍNGUA LITERÁRIA:  
UM ESTUDO DAS CRÔNICAS DE LIMA BARRETO  
SOBRE O CARNAVAL**

*Idemburgo Frazão* (UNIGRANRIO)

[idfrazao@uol.com.br](mailto:idfrazao@uol.com.br)

**1. Introdução**

A língua e a literatura mantêm uma milenar relação familiar. Os laços que as unem são constituídos por palavras que compõem idiomas e linguagens diversas: conceituais e científicas, na constituição do texto dos historiadores; aceleradas e factuais no cotidiano das redações dos jornais; conotativas e polissêmicas nas obras efetivamente poéticas; dramáticas nos textos teatrais; objeto, nas artes visuais. Enfim, as palavras têm o dom da metamorfose. Nem sempre estrelas, partilham da intimidade de diversas artes, acompanhadas por cores, ritmos, expressões corporais. Geralmente, como se sabe, em sua humildade, as palavras, simplesmente, servem as pessoas na comunicação diária.

Em prosa ou em verso, as palavras servem tanto para o uso prosaico das relações cotidianas quanto para a sua elevação ao status de arte. Efetivamente artística, na literatura, as palavras incorporam uma identidade própria, deixando-se ser um veículo, para tornarem-se, elas mesmas, o centro das atenções, as estrelas máximas. No campo da literatura, as palavras também assumem posturas diversas (sincrônica e diacronicamente), próprias da ficção, nas figurações e complexidades dos gêneros e na configuração dos períodos literários.

A literatura incorpora identidade própria, quando articula seus peculiares mecanismos intrínsecos, imanes que os estudiosos da linguagem - mais especificamente os chamados formalistas - denominam “literariedade”, (TOLEDO, 1976, p.6). Mas ao invés de se fechar em sua intimidade, a literatura se abre, propiciando diálogos intertextuais e interdisciplinares. Marcando sua identidade no momento mesmo em que insinua e propaga suas diferenças, o texto literário é agregador, incluído.

O que se denomina, aqui, língua literária, apresenta-se como possibilidade argumentativa, como instrumento discursivo para diferenciar (e em muitos momentos, aproximar) a utilização da língua por artistas de diversas linguagens e mesmo por romancistas, poetas, cronistas, dramaturgos. Exemplificando, pode-se afirmar que a utilização da língua por

um autor ao criar uma crônica, geralmente se diferencia daquela usada pelo mesmo na escrita de um romance, embora, principalmente nos estudos pós-modernos, a distinção de gêneros seja cada vez mais complexa, pois os mesmos se imbricam e/ou se interpenetram.

## 2. *Lima Barreto e as crônicas sobre o carnaval*

As reflexões até aqui realizadas sobre a utilização da expressão língua literária intentam servir como introdução ao tema deste artigo, centrado nas crônicas de Lima Barreto sobre o carnaval e apontar para a maneira como o escritor, utilizando o gênero crônica, trata da questão do carnaval por um viés pessoal, próprio das autobiografias. Na crônica que se intitula “Sobre o Carnaval”, o autor de Clara dos Anjos menos se aproxima da ficção (campo da língua literária) que das chamadas escritas de si (campo mais propício à “língua histórica” ou à “língua antropológica”). O que aqui se diz é que ao tratar do carnaval na crônica “Sobre o Carnaval”, Lima Barreto nem se mantém fiel ao tratamento efetivo do folgado enquanto mero tema cotidiano, próprio da crônica tradicional, nem envereda no campo literário, ficcional, por excelência.

Como se sabe, a crônica é flexível. Em sua fluidez (Cf. BAUMAN, 2007) – a crônica se apresenta como gênero pós-moderno, por excelência – absorvendo linguagens diversas. Em alguns momentos, mantém-se mais próxima do texto jornalístico; em outras, incorpora elementos da poesia; das narrativas ficcionais; da dramaturgia; das linguagens midiáticas. Jorge de Sá, em seu pequeno e precioso livro intitulado *Crônica*, defendendo, coerentemente, a inserção da crônica no rol dos gêneros literários, acrescenta elementos importantes ao debate sobre a pseudofragilidade da mesma.

Na crônica, embora não haja a densidade do conto, existe a liberdade do cronista. Ele pode transmitir a aparência de superficialidade para desenvolver o seu tema, o que também acontece como se fosse ‘por acaso’. No entanto o escritor sabe que esse ‘acaso’ não funciona na construção de um texto literário (e a crônica também é literatura), pois o artista deve cumprir a função primordial de antena de seu povo, captando aquilo que nós outros não estamos aparelhados para depreender, terá que explorar as potencialidades da língua, buscando uma construção frasal que provoque significações várias (mas não gratuitas ou ocasionais) descortinando para o público uma paisagem até então obscura e ignorada por completo” (SÁ, 2008, p. 9-10)

Lima Barreto, usufruindo do caráter aparentemente superficial da crônica, em alguns momentos, deixa-se levar por suas próprias reflexões

existenciais. Nesse momento, o cronista desvela sua intimidade, camuflando-a, sob as críticas que dispara. Na maioria das vezes, as críticas barretianas são diretas, mas também há crônicas que utilizam elementos ficcionais (de maior densidade), como ocorre, por exemplo, na crônica “Queixa de defunto”. Nesta, um morto envia uma carta ao prefeito se queixando de ter caído de seu caixão em um buraco de uma rua do subúrbio do Rio de Janeiro, quando se encaminhava para o cemitério.

Mais ficcional ainda (ou tanto quanto) é a afirmativa desse Brás Cubas suburbano de que foi repreendido por São Pedro por seu estado lastimável, provocado pela queda e que o prefeito da cidade do Rio de Janeiro era o culpado por sua passagem pelo inferno:

(...) o balanço violento do coche machucou-me muito e cheguei diante de São Pedro cheio de arranhaduras pelo corpo. O bom velho santo interpeleu-me logo:

– Que diabo é isso? Você está todo machucado! Tinham-me dito que você era bem-comportado –, como é então que você arranjou isso? Brigou depois de morto? Expliquei-lhe, mas não quis atender e mandou que me fosse purificar um pouco no inferno.

Esta aí como, meu caro Senhor Doutor Prefeito, ainda estou penando por sua culpa, embora tenha tido vida mais santa possível (...) (BARRETO, 2004, p. 158)

Essa crônica serve como bom exemplo de como Lima Barreto utiliza bem a ironia e o humor e as possibilidades deixadas pela crônica, empregando certa “densidade” própria do conto – para lembrar o que afirma Jorge de Sá sobre a diferença entre o conto e a crônica (SÁ, 2008).

Quando se trata da temática do carnaval, há momentos, nas crônicas barretianas, em que aspectos da relação do cronista com a própria existência se apresentam, de forma sutil, embaralhada nas fortes investidas críticas do autor. As crônicas “Sobre o Carnaval” e “O morcego” são as que apresentam essa característica, entretanto, apenas a primeira será destacada no presente artigo. Nessa crônica, as reflexões de Lima Barreto não se voltam aos festejos de momo em seus aspectos específicos, como o faz em “Pré-Carnaval”, “Carnaval e Morte” e “Morte do Bambã”, por exemplo, que serão, agora, rapidamente lembradas.

Em “Pré-Carnaval”, publicada na revista *Careta*, em 14/01/1922, o cronista critica os maus compositores e as ligas moralistas”, analisando jocosamente as letras das marchas de carnaval afirmando, várias vezes, que o carnaval daquele momento era uma festa “estúpida”:

O carnaval é hoje a mais estúpida festa do Brasil. Nunca amontoaram tantos fatos para fazê-la assim. Nem no tempo do entrudo, ela podia ser tão idiota como é hoje. O que se canta e o que se faz, são suprassumo da mais profunda miséria mental.

‘Blocos’, ‘ranchos’, grupos, cordões disputam-se em indigência intelectual e entram na folia sem nenhum frescor musical. São guinchos de símios e coachar de rãs, acompanhados de uma barulheira de instrumentos chineses e africanos. (BARRETO, 2004, p. 489)

Na crônica “Carnaval e Morte”, publicada também na revista *Careta*, em 11/03/1922, o carnaval também se apresenta enquanto espaço de festa em que as representações sociais e as atitudes dos carnavalescos (ou mesmo anticarnavalescos) são problematizadas. Um grupo de moças, ao invés de dançar e cantar, vestidas com fantasias alegres - como seria de se esperar, no carnaval-, caminham pelas ruas como se saíssem de um velório e fazem discurso em uma redação de jornal. O ato inusitado - o silêncio ao invés do som alegre das festas - e as vestimentas das moças, fazem com que o leitor possa refletir sobre as atitudes dos foliões e acerca da importância dos jornais no incentivo e mesmo na organização dos desfiles de carnaval.

A questão é que em Niterói teve um carnaval supimpa e original. O Estado, do Mário Alves muito contribuiu para isto. Pôs a prêmio os “cordões”, “blocos” e “ranchos” locais, promoveu batalhas de *confetti* e a coisa ficou ótima. O mais interessante disto foi que houve lá um gesto originário por parte de algumas moçoilas que organizaram um grupo em que não há cantarolas. Elas marcharam pela rua solenemente silenciosas, empunhando ramilhetes de flores, como se acompanhassem um enterro e, silenciosas, se dirigiram à redação de *O Estado*, onde entraram debaixo do maior silêncio, tal qual se entra no São João Batista, no Caju ou, mesmo no Maruí. (BARRETO, 2004, p. 512)

Já em “O carnaval e a eleição do Bambã”, crônica publicada na revista *Careta*, em 04/03/1922, o carnaval serve como elemento de comparação, para ridicularizar as eleições que se realizaram na quarta-feira de cinzas. O cronista aproveita a coincidência das datas “das folhinhas” para comparar o carnaval com as eleições. “O bambã é escolhido em quarta-feira de cinzas, dia de grande amolecimento de corpo, dores de cabeça, vômitos etc.” (BARRETO, 2004, p. 508)

Lima Barreto se apropria das instâncias carnavalesca para opinar sobre a forma como os políticos conduziam o país e os desmandos próprios da política de sua época:

Depois, o que é que é, quando se trata de eleger, num país de paz? Um carnaval com todos esses senhores austeros de tribunais e juízes, de constitucionalistas e jornalistas eminentes, pondo a máscara da constituição abaixo e

colocando aquela que lhes vai bem, de difamar e infamar, de espionar, de falsificar (BARRETO, 2004, p. 508)

O riso, a rebeldia e, principalmente, a alegria, inerentes ao carnaval com suas inversões, presentes nessa crônica são próprias de uma linguagem carnalizada, no que diz respeito à quebra da seriedade cotidiana e dos paradigmas sociais. Os políticos, no dizer da crônica põem abaixo a máscara da constituição. A máscara - que simboliza as representações teatrais - e o carnaval, são postos a serviço das críticas à falsidade da constituição e, por extensão, dos políticos. A remissão ao carnaval, realizada pelo cronista, ao aproximá-la da questão política, situa o discurso político no campo do espetáculo, do teatro e das inversões carnavalescas. Poder-se-ia afirmar que o cronista carnaliza discurso político, ao apontar para a sua relação com o que há de inferior nas atitudes, humanas, como “difamar”, “espionar”, “falsificar”.

Próprio da carnalização, seguindo os estudos de Mikhail Bakhtin (BAKHTIN, 1993 e 2008) é a aproximação do discurso “sério” do discurso de características grotescas. Torna-se importante, ao trazer elementos do pensamento de Bakhtin para as reflexões aqui realizadas, alertar para o fato de que Mikhail Bakhtin, que tem como um de seus conceitos-chave a Carnalização, diferencia o carnaval “moderno” daquele estudado por ele, por exemplo, em textos da Idade Média e do Renascimento. A cosmovisão carnavalesca apreendida por Bakhtin em seus estudos sobre a Carnalização, principalmente em *A Cultura Popular na Idade Média e no Renascimento* e *Problemáticas da Poética de Dostoiévski* “não diz respeito à ‘concepção espetacular-teatral do carnaval, bastante característica dos tempos modernos’”. (BRAIT, 2010, p. 55). Entretanto, mesmo ratificando a diferença existente do carnaval da época de Lima Barreto em relação ao carnaval da Idade Média e do Renascimento, pode-se inferir que a inversão de papéis, o riso, a alegria e a irreverência continuam sendo marcas fundamentais do carnaval, até os dias de hoje. Assim, tomando os devidos cuidados, pode-se afirmar, nesse momento, tratando das crônicas de Lima Barreto relativas ao carnaval como um todo, que o texto de “Sobre o carnaval” tangencia, em alguns momentos, a problemática tratada por Bakhtin. Isso pode ser confirmado na leitura de trechos da crônica citada em que Lima Barreto aproxima elementos inerentes ao cotidiano (profano) do campo religioso:

A embriaguez que a multidão traz, é a melhor e a mais inofensiva de todas que se tem até agora inventado. Nem o ópio, nem o álcool, nem o háchisch produzem a embriaguez que com a dela se assemelhe. Temos visões extraordinárias, sem estragar a saúde. (BARRETO, 2004, p. 137)

A alegria e o riso dos foliões, que o “embriagam”, com efeitos como o do “ópio” ou do “hachisch”, o fazem comparar as aglomerações das ruas do Rio de Janeiro a procissões e encontros religiosos marcantes da cultura oriental. O carnaval do momento em que a crônica é escrita é execrada pelo cronista, mas há um outro carnaval, subtendido, marcado pela união em torno de algo maior, “nas grandes aglomerações humanas”. Talvez esse carnaval não exista, ou esteja contido na lembrança de um carnaval do passado, guardado na memória do autor, mas a aproximação da problemática do carnaval à questão da saúde demonstra que o carnaval é um assunto que chama a atenção do cronista por um viés menos corriqueiro. Lima Barreto afirma que o carnaval permite que se tenha visões extranormais, sem estragar a saúde. O trecho soa como aspiração do autor de viver em “um outro mundo”, obviamente, na impossibilidade de reformar o existente.

Diferente das crônicas barretianas em que os elementos próprios do carnaval são utilizados mais efetivamente para críticas sociais, as crônicas “Sobre o Carnaval” e “O morcego”, são as que mais se aproximam, como se afirmou, há pouco, das escritas de si. Melhor explicando, não é o carnaval como folguedo que recebe a maior atenção do cronista, mas os efeitos que ele pode produzir nas pessoas. O carnaval, tema em voga naqueles dias, é abordado sob um prisma explicitamente pessoal. Lima reflete acerca da importância do carnaval. A “língua literária” e a “língua jornalística”, portanto são substituídas por uma “língua afetiva”. Ou seja, ao invés de criar uma história com bases ficcionais, ou um comentário, uma reflexão com distanciamento crítico, o tema do carnaval serve como elemento que faz com que o cronista reflita sobre sua relação pessoal com o carnaval. Costuma-se denominar “escritas de si” aos diários, cartas, autobiografias, ou seja, textos cujo conteúdo não têm ou não tentam ter um cunho artístico e/ou ficcional. Como afirma a historiadora Ângela de Castro Gomes,

é cada vez maior o interesse dos leitores por um certo gênero de escritos – uma escrita de si -, que abarca diários, correspondência, biografias e autobiografias, independentemente de serem memórias ou entrevistas de história de vida, por exemplo. (GOMES, 2004, p. 7)

O texto de Lima Barreto, nas crônicas citadas, se aproxima das escritas de si ao trazer para os leitores elementos constantes em sua biografia: sua visão pessimista da realidade, sobre a sociedade, sobre o seu país e de seu mal-estar existencial, relacionado à condição de afrodescendente; à ausência de notoriedade de seu trabalho de escritor; à sua condição de suburbano, enfim à marginalidade na qual costumava inse-

rir-se. Há varias passagens em seu “Diário íntimo” em que deixa claro sua tristeza em relação a acontecimentos de sua vida, como ocorre, por exemplo, quando, em determinado momento, lembra de uma passagem de seu passado em que recebeu um convite para assistir à bordo à partida de imponentes navios estrangeiros no porto do Rio de Janeiro e sentiu-se contrariado, não concluindo seu intento:

Fui a bordo ver a esquadra partir. Multidão. Contato pleno com moças aristocráticas. Na prancha, ao embarcar, a ninguém pediam convite; mas a mim pediram. Aborreci-me. Encontrei Juca Floresta. Fiquei tomando cerveja na barca e saltei.

É triste não ser branco. (BARRETO, 2001, p. 1278)

Nessa “escrita de si”, nesse diário, Lima Barreto, como em inúmeros outros textos de cunho biográfico, deixa claro sua insatisfação com a maneira como os negros (ou mulatos) eram tratados pela sociedade. Em algumas de suas crônicas também se pode perceber como suas opiniões expressas nas revistas e jornais são sinceras e funcionam como denúncia. O mais curioso e interessante na crônica que receberá agora maior atenção é que o cronista, mesmo criticando fortemente a decadência do carnaval de sua época, explicita sua opinião sobre o que, para ele é importante nas festas de momo.

Uma leitura apressada das poucas crônicas de Lima Barreto que tenham como tema o carnaval, ou de alguma forma trabalhem com aspectos relativos a ele, pode fazer com que não se perceba o viés positivo com que o autor vê o carnaval. Em “Sobre o carnaval”, o cronista compara a aglomeração, o ajuntamento de pessoas para se divertir, nas ruas do Rio de Janeiro, a locais conhecidos por serem espaços de encontros religiosos, como Meca, por exemplo. Após comparar os efeitos do carnaval a alucinógenos, o cronista afirma que se tivesse condições financeiras, iria visitar várias partes do mundo em que a havia grande aglomeração de pessoas. O mais curioso é que tratando do cotidiano do carnaval do Rio de Janeiro, o cronista remete o leitor a locais sagrados e consagrados como tal:

Iria a Benares, na Índia, quando fosse a época das peregrinações dos brahmanistas ao Ganges sagrado e do sagrado banho no rio divino; iria a Meca, no auge das visitas dos muçulmanos ao túmulo do profeta; iria a todas as festas e cerimônias dessa natureza. (BARRETO, 204, p. 137)

Lima Barreto, que tem como marca estilística a critica social, mostra que há, no carnaval, algo que supera a fugacidade que geralmente lhe é imputada. Comparado a um alucinógeno, o carnaval assume carac-

terística peculiar, servindo como bálsamo para problemas pessoais. Iniciando essa crônica de fevereiro de 1920 com a afirmativa de que o carnaval do momento em que escrevia seu texto o aborrecia, o cronista *confessa*, logo nas primeiras linhas:

O isolamento faz-me mal à alma e ao pensamento. Mergulho no barulho dos outros, deixo de pensar em mim e nas fantasmagorias que eu mesmo criei para o meu padecer. Nunca fui carnavalesco, mas, como todo melancólico e contemplativo, gosto do ruído e da multidão e não fugia a ele. (BARRETO, 2004, p. 137)

O tom confessional desta parte da crônica se contrapõe à maior parte dela, quando o autor parte, por exemplo, para a crítica às ligas pela moralidade. Tal tom costuma passar despercebido, pois a primazia da sátira, costumeira em Lima Barreto, envolve o leitor no clima de “acaso” - comentado por Jorge de Sá-, e o embala no aparente descompromisso da crônica em relação aos ditos temas sérios. Adicionado a isso tem-se a própria expectativa de que o tema do carnaval seja também “carnavalizado”, tratado pelo viés do riso, da chacota. Mas o que ocorre nas duas primeiras partes de “Sobre o carnaval”, incrustada na crítica social, é um sutil depoimento íntimo acerca do posicionamento do cronista sobre a importância do carnaval. “Melancólico e contemplativo” confesso, o cronista afirma que o isolamento lhe faz mal à alma e que a embriaguez propiciada pela alegria própria da reunião dos foliões funciona como um lenitivo. Os efeitos do carnaval são comparados ao resultante de drogas potentes e a multidão das ruas do Rio de Janeiro o remetem a locais tidos como sagrados.

### 3. Conclusão

Na crônica “Sobre o carnaval”, Lima Barreto utiliza elementos próprios de suas “escritas de si”, como se descreveu no desenvolvimento do presente artigo, assumindo seu comportamento melancólico e contemplativo, acrescentando que o isolamento não lhe fazia bem. Cotejando momentos presentes nas cartas e diários do autor, ratifica-se essa maneira de ser e, pode-se, então, interpretando a crônica aqui destacada, apresentar o carnaval, aos moldes de Lima Barreto, como se tentou destacar ao longo deste trabalho, como momento de paz na vida torturante de Lima Barreto. A alegria, o riso e o encontro das multidões faziam do carnaval, para Lima algo mais que uma mera festa criada para a diversão.

A “língua literária”, para retomar a expressão utilizada no início deste texto, cede ao que se poderia denominar “língua afetiva”, ou “língua biográfica”. Conclui-se que a crônica, em sua natureza híbrida e “pseudofugaz”, permitiu a Lima Barreto expor seus pensamentos íntimos camuflando-os sob um tom aparentemente “fútil” e “casual” – como foi apontado por Jorge de Sá, citado no desenvolvimento deste artigo. A partir da interpretação que aqui se faz da crônica “Sobre o Carnaval”, pode-se afirmar que Lima Barreto, consciente ou inconscientemente, via no carnaval (e em eventos de grande concentração de pessoas em torno da alegria e do riso), uma possibilidade de inverter, modificar seu enfadado estado de espírito, dotando-o de maior viço. Mas como o autor não investe nessa possibilidade de “conversão” à alegria, o carnaval se apresenta enquanto uma espécie de “epifania abortada” pela supremacia da crítica do autor.

#### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BAKHTIN, Mikhail. *A cultura popular na Idade Média e no Renascimento: O contexto de François Rabelais*. São Paulo/Brasília: Ucitec, 1993.

\_\_\_\_\_. *Problemas da poética de Dostoiévski*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008.

BARRETO, Lima. *Toda crônica*. Organizado por Beatriz Resende e Raquel Valença. Rio de Janeiro: Agir, 2004, 2 vol.

\_\_\_\_\_. *Prosa seleta*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2006.

BRAIT, Beth. (Org.). *Bakhtin: outros conceitos-chave*. São Paulo: Contexto, 2010.

BAUMAN, Sigmunt. *Vida líquida*. Rio de Janeiro: Zahar, 2007.

GOMES, Ângela. *Escrita de si. Escrita da história*. Rio de Janeiro: FGV, 1994.

SÁ, Jorge de. *A crônica*. Rio de Janeiro: Ática, 2008.

TOLEDO, Dionísio de Oliveira. (Org.). *Teoria da literatura: Formalistas russos*. Porto Alegre: Globo, 1976.